

# “Amazônia está à margem da história”, diz escritor

*Hatoum, que não aceita o rótulo de regionalista, faz da região onde nasceu cenário de suas obras e critica o empobrecimento e a crise política que a atingem*

As viagens, o tema do exílio e da troca de pátria, marcam tanto a literatura quanto a biografia de Milton Hatoum. Nascido em Manaus, em 1952, ele deixou a cidade no meio da adolescência para estudar em Brasília. Escapou incomodado pelo governo militar e “pelo vazio” (“Brasília tem espaços em branco demais para o ser humano”, diz). Acabou formado em arquitetura na Universidade de São Paulo (USP), depois mudou-se para Paris, onde fez estudos literários. Em 1984 voltou a Manaus e hoje ensina francês na Universidade Federal do Amazonas.

Embora escreva devagar, Hatoum diz ter “a cabeça fervilhando de histórias”. O novo romance, *Um Rio Entre Dois Mundos*, está quase pronto, com mais de 300 páginas, e deve ser publicado pela Companhia das Letras. Paralelamente o autor trabalha em uma coletânea de contos com o título provisório de *Contos Daqui e D’Além Mar* e em tradução de *Vidas Imaginárias*, de Marcel Schwob, para a editora Imago. Abaixo, trechos da entrevista que deu ao *Caderno 2*.

★  
**Caderno 2 — Poderia falar do livro em que está trabalhando?**

**Milton Hatoum** — No meu primeiro romance, escrevi um texto mais intimista, não linear, contado por várias vozes que transitam do Oriente para o Amazonas. Agora, há uma tentativa de mesclar a história pessoal com a história regional. Eu me interesso pela relação entre literatura e história. Muitos textos de ficção contêm resíduos da História. De forma análoga, muitos historiadores emitem sinais inventivos no discurso da história. São discursos diferentes, mas unidos pela narração: ambos registram passagens de um certo tempo e espaço. É uma maneira de combinar ação com reflexão numa obra supostamente autobiográfica. Digo supostamente porque é menos importante contar o que aconteceu do que contar

o que poderia ter acontecido. É o poder de persuasão do texto que instaura uma “verdade” do passado. Esta é a perspectiva deste novo romance que já devia estar pronto, mas sempre acrescento coisas aqui e ali. É um roman-fleuve, literalmente.

**Caderno 2 — Você retoma temas do primeiro livro?**

**Hatoum** — Algumas personagens saíram do *Relato* e se intrinsecaram nesse texto. Não pude evitar

a invasão desses intrusos; nem posso fugir deles, e tampouco fugir dos temas que me perseguem. A imigração é para mim um pretexto para abordar alguns temas: a viagem, o exílio, a solidão, a perda, o comércio, a eleição de uma nova pátria.

Isso pode parecer repetitivo, ou uma variação sobre o mesmo tema. Mas esse é o meu mundo ficcional e é melhor não traí-lo.

**Caderno 2 — O *Relato*... é de seis anos atrás. Você é perfeccionista quando escreve? Qual seu método de trabalho?**

**Hatoum** — Eu escrevo como qualquer pessoa trabalha. Sem nenhum ritual, sem nenhuma afetação ou excentricidade. Só preciso de papel, caneta-tinteiro e tempo. E de um aparelho de ar-condicionado. Acho que é esse o sopro que me inspira: o ar frio de um Springer Admiral. Sem um Springer perto de mim, a minha imaginação não dá o salto feliz da realidade para a fantasia. A verdade é que quando se está escrevendo há momentos de fluidez e interrupção, de grande velocidade e marcha lenta, e também de ponto morto. Quando a coisa flui, parece que ocorreu uma “irrupção da vontade alheia” ou “o fluir inesgotável do murmúrio”, como escreveu Octavio Paz.

**Caderno 2 — Como você avalia hoje sua volta da Europa para Manaus em 1984?**

**Hatoum** — Em 1984 eu tive de decidir entre permanecer na Europa

ou voltar para o Amazonas. Eu sabia que todo mundo se arrepende de deixar Paris e voltar para onde quer que seja, mas sentia falta de algumas paisagens e vozes da infância, estas coisas que constituem a nossa pátria simbólica. Sabia que iria encontrar

uma cidade devastada, e que toda busca de um paraíso é infrutífera, pois só há paraísos perdidos. Não sei se devemos voltar para a terra natal. Sei que as origens sempre nos esperam. Longe da terra natal, você pensa que se estivesse lá poderia mudar muitas coisas e realizar muitos planos. E quando você desembarca aqui, não demora a optar

pela indignação ou resignação. Muitas vezes prevalece o sentimento de desencanto, de uma mudança verdadeira que mais uma vez será adiada...

**Caderno 2 — Seria esse o sentimento com relação ao Amazonas?**

**Hatoum** — Com a Zona Franca e suas 300 indústrias Manaus perdeu

sua altivez, perdeu o mínimo de cidadania que ofereceu aos manauaras até os anos 60. O projeto civilizatório, se chegou a existir, ficou inacabado. O que trouxe a Zona Franca? Quarenta mil empregos e 400 mil favelados. Manaus é a maior favela brasileira, segundo o IBGE. Podemos culpar os empresários com suas empresas de maquiagem, mas devemos sobretudo culpar os sucessivos governos ultrapopulistas, ultrademagogos. Acho que vamos continuar à margem da história, para usar uma expressão de Euclides da Cunha. Certamente não é esse o nosso destino, mas a realidade aponta para isso; e na política, é a realidade, são as ações cotidianas que contam.

**Caderno 2 — Você admitiria ser visto como “escritor da Amazônia”?**

**Hatoum** — O regionalismo é uma camisa de força que tenta inscrever o texto ficcional numa certa geografia, num modo de dizer “regional”, como se a fala “cabocla” ou “sertaneja” ou “gaúcha” fosse por si só um estilo. Mas falta a esse “estilo” o corte incisivo, pessoal, como se o escritor fizesse um corte na língua em que escreve; daí a relação entre estilo e estilete, apontada por Starobinski. O enfoque excessivo na “cor local” apaga outros

aspectos importantes do romance: a sua espacialidade e temporalidade, a construção das personagens e as muitas surpresas que o romance permite e até mesmo pede... Por outro lado, a província e as regiões distantes são lugares que nos incitam à fabulação. Tolstói, Faulkner, Graciliano Ramos, Juan Rulfo, Conrad e tantos outros elevaram a província à categoria de universal. Eu detesto a vida provinciana, mas aqui nesta ilha perdida as taras e as perversões são mais visíveis, as histórias são mais palpáveis, prontas para serem reinventadas. O problema consiste na forma de reinventá-las. As histórias não bastam, é preciso transfigurá-las pela linguagem. (C.G.)

**ROMANCE É  
TENTATIVA DE  
MESCLAR  
HISTÓRIA  
PESSOAL E  
HISTÓRIA DO  
AMAZONAS**

**COM A ZONA  
FRANCA,  
MANAUS  
PERDEU SUA  
ALTIVEZ E A  
CIDADANIA  
QUE OFERECIU**